



Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
ICHS/DHIST - Departamento de História
Programa de Educação Tutorial em História (PET-HISTÓRIA)
Tutora: Professora Dra. Adriana Barreto de Souza



Seminário de Literatura e História do PET-HISTÓRIA-UFRRJ

Discente: *Mayara Fernanda Silva dos Santos*

Resenha sobre o romance *Esaú e Jacó*, de Machado de Assis

A obra de Machado de Assis (1839-1908) "*Esaú e Jacó*" foi publicada em 1904, representando o penúltimo romance a ser publicado pelo autor. Narrado em 3ª pessoa, pelo Conselheiro Aires, o título do livro nos permite fazer uma analogia com a história bíblica dos gêmeos Esaú e Jacó, narrada no livro de Gênesis. O livro nos permite apreender as disputas políticas e sociais presentes no final do século XIX, no Brasil, sobretudo as posições políticas diante da causa do país, através do enredo da história de dois irmãos gêmeos irreconciliáveis, Pedro e Paulo.

Filhos gêmeos de Natividade e do Barão Agostinho Santos, suas brigas se iniciaram no útero materno, estendem-se por toda a vida. Paulo é impulsivo, arrebatado, arrojado e impetuoso, Pedro é dissimulado e conservador, cauteloso - o que vem a ser motivo de brigas entre os dois. Quando adultos, a causa principal de suas divergências passa a ser de ordem política - Paulo é republicano e Pedro, monarquista, tudo isso em plena época da Proclamação da República. Paulo vai cursar Direito em São Paulo, Pedro Medicina no Rio de Janeiro. Unem-se no amor extremado pela mãe, Natividade, e separam-se na paixão por Flora, a "inexplicável", segundo o conselheiro Aires, que se junta à mãe no esforço de aproximar os rapazes.

Nesse sentido, podemos nos apropriar do romance para pensar a situação política do Brasil da década de 1870, ano de nascimento dos gêmeos até a proclamação da República em 1889, perpassando por momentos importantes como a abolição da escravatura em 1888. Ressalta-se que a década de 1870 é tida como um momento de crise do sistema imperial, dando margem para que surgissem opositores declarados a essa forma de governo, trazendo para esse campo propostas de novas formas de organização política, social, cultural e intelectual.¹ Paulo era defensor da monarquia. Em contrapartida, Pedro, como um republicano, pode ser colocado como

opositor ao domínio saquarema, grupo que defendia a manutenção da ordem vigente do Estado, e defensor da abolição, ponto que divergia as opiniões mesmo entre os republicanos. Contudo, nesse romance a emancipação dos escravos é o único tema capaz de unir as opiniões dos dois irmãos. Mesmo que por razões diferentes, em 13 de maio de 1888, ambos a comemoram a assinatura da Lei Áurea, pela princesa regente D. Isabel. Nesse sentido, Paulo nesse momento já não comunga de todas as ideias defendidas pelos imperialistas.

As divergências entre os irmãos perpassam toda a obra. Contudo a morte de Flora leva os rapazes a fazerem um trato de paz. A morte da moça, porém, une temporariamente os gêmeos. Mais tarde perante o leito de morte de sua mãe Natividade prometem trégua e paz eterna, promessa que também não tem seu êxito.

Eles voltam a se desentender, agora em plena tribuna, depois que ambos se elegeram deputados por dois partidos diferentes, o que deixa claro que são absolutamente irreconciliáveis. Deste modo, cumpre-se, portanto, a previsão da adivinha, cabocla que a mãe procura quando os gêmeos têm um ano de idade a fim de saber o que o futuro lhes reservava, momento situado no primeiro capítulo da obra: ambos seriam grandes, mas implacáveis inimigos.

“Serão grandes, Oh! grandes! Deus há de dar-lhes muitos benefícios. Eles hão de subir, subir, subir... Brigaram no ventre de sua veio busca mãe, que tem? Cá fora também se briga. Seus filhos serão gloriosos. É! só o que lhe digo.” (ASSIS, 1904, p. 4)